

RONDON

Antônio de Arruda

A 26 de abril de 1913, os componentes da Comissão Roosevelt - Rondon chegaram a um acampamento próximo a Manaus, após 59 dias de árdua jornada. O então Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon reuniu toda a comitiva, em frente a um pequeno monumento que mandou erigir, onde flutuavam as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos. Leu a ordem do dia, resumindo os principais acontecimentos ligados à expedição; salientou que o curso de água, cuja parte superior figurava nos mapas como rio da Dúvida, que os seringueiros chamavam Castanho, o Baixo Aripuanã e aquela grande parte que acabavam de percorrer, eram todos um mesmo rio. Declarou então que, por determinação do Governo brasileiro, esse rio recebia o nome de Roosevelt.

Esse episódio parece-nos um dos pontos culminantes da vida de Rondon. Era uma longa trajetória que ganhava extraordinárias dimensões. Do coração das selvas brasileiras sua legenda se projetava nas manchetes internacionais, como sertanista, desbravador, criador de uma nova Geografia no Continente americano. Nas mensagens que seu companheiro de expedição enviava para a imprensa do seu país, bem como no livro que depois publicou. "*Através do Sertão do Brasil*", o nome de Rondon passou a ser constantemente glorificado. Aquele estadista, também viajante, sertanista, caçador de feras, encontrou em Rondon seu parceiro e a administração que lhe inspirou nosso patricio seria depois compartilhada por ilustres escritores, cientistas e homens públicos estrangeiros.

O que mais impressiona e se destaca na vida de Rondon é seu caráter pedagógico. Esse aspecto já foi ressaltado por Ivan Lins em primorosa conferência. De fato, a obra e a personalidade de Rondon são ricas de ensinamento, modelares sob todos os pontos de vista.

Ao concluir os estudos, fora nomeado Professor de Astronomia e de Mecânica Racional na Escola Militar, onde se formara. Essa nomeação tinha sido recomendada ao Governo por Benjamin Constant, como prêmio ao brilhantismo do seu curso. Nessa ocasião, tornara-se noivo da jovem Francisca Xavier, filha de um de seus professores. O Sr. Xavier ouvira, por diversas vezes, referências elogiosas a Rondon, por parte de alguns rapazes que lhe freqüentavam a casa. Quis então conhecer o jovem matogrossense, resolução que Rondon considerou, mais tarde, como uma das mais significativas, na sua vida - ao lado da que tomou seu tio Manoel Rodrigues, levando-o para Cuiabá, quando ficou órfão, em Mimoso, povoação onde nascera. Se, de um lado, teve possibilidades de estudar, de outro, ficara conhecendo aquela a quem consagraria extremado afeto, companheira dedicada e amorosa. Assim, como Professor, e ingressando numa família em que o chefe era também Professor, tudo concorria para fixá-lo no magistério. Entretanto, cedeu ao convite de Gomes Carneiro para integrar a comissão construtora da linha telegráfica Cuiabá-Araguaia. Iniciaria deste modo sua grande missão, na qual concentrou todas as energias, aquela a que dedicou tal devotamento, que iria marcar seu destino. Educador seria, mas num outro sentido mais amplo. Ensinaria pelo exemplo, pela ação, pelos seus atos e atitudes, constituindo um conjunto harmonioso e belo.

Deixava, pois, o aconchego do lar que iria construir, com carinho, afastava-se definitivamente da cátedra, que se entremostrava promissora: abandonava, enfim, todas as perspectivas de uma existência suave, para embranhar-se nos sertões. Refluía para a floresta, que ele tanto amou, impelido talvez por forças atávicas e por uma predestinação irresistível.

Não é difícil encontrar as causas do seu triunfo. Em primeiro lugar, temos sua formação filosófica. Como sabemos, Rondon pertenceu àquela admirável geração de positivistas que floresceu no início da República. Na Escola Militar, pontificavam alguns professores, destacando-se, entre eles, Benjamin Constant, o Marechal Roberto Trompowsky, Licínio Cardoso, Lauro Sodré, Liberato Bittencourt.

O Positivismo caracterizou-se pela rigidez dos seus dogmas, exacerbada, no Brasil pela intransigência de Teixeira Mendes e de Miguel Lemos, dois espíritos retos, mas muito inflexíveis na aplicação da doutrina. Este excessivo rigor acabou por isolar do meio social brasileiro a Igreja e o Apostolado Positivista, cujos estatutos proibiam, por exemplo, o exercício de cargos políticos, o magistério e o jornalismo militante. Rondon acolheu todas essas restrições, bem compatíveis com o estoicismo a que sempre se habituara. Ele nunca renegou, antes reconheceu, a influência positivista em sua vida.

“Dois fatores primaciais, escreveu ele certa vez, deram as resultantes da minha modesta atividades de subordinado e de chefe dentro da moral positiva que adotei. O primeiro, a influência persuasiva da minha extremosa Esposa, a quem são devidas as boas inspirações que moveram meu coração; o segundo - a dedicação insuperável de uma plêiade brilhante de oficiais e civis, de soldados e de trabalhadores que foram o cérebro e o braço civilizadores”.

Ainda dentro da filosofia positiva, duas figuras capitais sobrelevam na sua formação: Benjamin Constant e Gomes Carneiro. Benjamin Constant foi o idolatrado mestre da juventude militar do seu tempo, aquele a quem os alunos se dirigiram em manifesto, após o célebre discurso no banquete oferecido à oficialidade chilena: *“Mestre, sede nosso guia em busca da Terra da Promissão - o solo da Liberdade”*.

Dele disse Rondon, nas suas Memórias publicadas por Esther de Viveiros:

“Foste, Benjamin Constant, o meu Mestre Amado - que a todos se impunha pela extensão do cultivo intelectual, pela integridade do caráter diamantino, pela pureza do coração. Trato ameno, aureolado de doçura e bondade, absoluta e sincera franqueza, realçavam aqueles predicados. E a todos, Mestre inspiravas veneração”.

Quanto a Gomes Carneiro, será melhor transcrevermos também as palavras do próprio Rondon:

“Gomes Carneiro, meu amado Mestre de sertão. Ali me ensinaste a ser soldado. Aprendi, nos teus edificantes exemplos cívicos e militares, a ser dedicado ao serviço, inflexível nas maiores dificuldades e sofrimentos para nunca, ante o subordinado, revelar cansaço ou ignorância - porque só assim, dizias, será a autoridade de chefe mantida e respeitadas as suas ordens. Foi contigo que aprendi a amar o Índio, já meditando nas ordens que fizeste cumprir em sua defesa e proteção, ao longo da estrada marginada pela construção da linha telegráfica, onde o boróro mantinha as suas aldeias; já no empolgante exemplo que me deste de não insistir contra os avisos que nobremente dá o índio ao invasor de suas terras, antes de fazer sentir, materialmente, que sua presença é desagradável”.

Com esses modelos, poderia Rondon reforçar seus traços característicos que já trouxera do berço e retemperava com a adversidade. Órfão de pai e mãe aos dois anos e meio, e embora sujeito à tutela de um tio bondoso, Rondon cedo aprendeu a agir com discernimento e firmeza. A este respeito, tudo nele nos encanta e comove. Desde a juventude, a pujança do caráter foi-lhe patenteado, em todos os seus atos.

Aos 16 anos, resolveu ir para o Rio estudar e foi ter com o tio Manoel Rodrigues, a fim de obter-lhe o consentimento. O tio ponderou-lhe que não tinha recursos para sustentá-lo na Metrópole, ao que Rondon respondeu”

“Meu tio, não lhe estou pedindo recurso, mas apenas o seu consentimento. Já tenho pensado no assunto. Assentarei praça e irei estudar na Escola Militar, como soldado”.

Soldado e naquele tempo! Nem era bom pensar nisso. O tio foi procurar o Dr. Santos Malhado, médico muito conhecido, na época, em

Cuiabá. O dr. Malhado sugeriu uma solução razoável para o problema: o tio adotaria o sobrinho, e este, como filho de um capitão da Guarda Nacional (*que o era Manoel Rodrigues*), poderia iniciar a carreira como cadete e não como simples soldado. Além disso, o Dr. Malhado lhe daria cartas de recomendação a pessoas amigas, no Rio.

Manoel Rodrigues voltou satisfeito com tais projetos, mas não encontrou para eles nenhuma receptividade em Rondon. O velho mostrou-se extremamente ressentido. Então era esse o pagamento de todo o desvelo que tivera para com o sobrinho, que recusava agora o título de filho adotivo, que lhe queria dar, e em seu benefício? Rondon continuou, porém inabalável, na sua recusa, dizendo:

“Pai só posso ter um, e esse morreu. O senhor é meu tio, nunca poderá ser meu pai. Quanto às cartas de recomendação, agradeço ao Sr. Malhado, mas também não aceito. Se não puder encaminhar-me sozinho, voltarei para ser vaqueiro. Garanto que bom vaqueiro”.

E assim fez: assentou praça e estudou como soldado. A falta de recursos obrigava-o, às vezes, a um cardápio dos mais elementares: pão e feijão. Adoeceu então gravemente, a tal ponto que os colegas fizeram subscrição para o enterro, como era praxe, na Escola, para os alunos pobres: Jorge Octaviano da Silva e o futuro Chefe de Polícia do Governo Bernardes, Manoel Fontoura. Um dia, ao doente apeteceu-lhe comer abacaxi, Jorge Octaviano e Fontoura consultaram o médico, e este não se opôs, como quem dissesse: Para que contrariá-lo, se já está nas últimas?

Saboreou o abacaxi com delícia, e, resultado imprevisto, melhorou consideravelmente. O médico, perspicaz, suspendeu a medicação, proporcionando-lhe uma dieta de frutas e alimentos leves. Restabeleceu-se depois, rapidamente.

Na Escola Militar, sua obstinada força de vontade se manifestou em dois episódios singulares. Julgava-se preparado para o curso superior, mas seu certificado do Liceu Cuiabano não pudera ser aproveitado, pois,

apesar de bom colégio, não era oficialmente reconhecido; teria de repetir, assim, toda a matéria nos três anos preparatórios da Escola Militar. Resolveu, pois, em dezembro de 1883, requerer exames vagos para o 2º e 3º anos, após cursar o 1º ano. Os companheiros ficaram admirados da sua audácia.

- Pensas, bicho peludo - diziam - que vais vencer com a Matemática de Cuiabá? É muito atrevimento: vais levar bomba na certa.

Entretanto, com a Matemática de Cuiabá, teve distinção no 1º ano e plenamente nos exames vagos do 2º e 3º anos: façanha, até então inédita, na Escola Militar.

Outro episódio se deu em 1887, quando Rondon fazia o 3º ano do curso superior da Escola. Na cadeira de Mecânica Racional, regida pelo Professor Peixoto Amarante, tornara-se habitual ocupar Rondon o 1º lugar, com distinção, grau 10, vindo em 2º lugar Aníbal Cardoso. Numa das provas, porém, o Professor considerou muito complicada a solução que Rondon deu a um problema, pelo que se inverteram os resultados do mês: 1º lugar Aníbal Cardoso; 2º lugar Rondon.

Ao ser feita a leitura da classificação, Rondon nada ponderou, mas as lágrimas lhe correram pela face. Desdenhara a solução mais fácil, apresentada pelo colega, preferindo uma outra mais original e a consequência ali estava: fora desclassificado. Na sabatina seguinte, para espanto do Mestre, entregou a prova em branco. Interpelado, respondeu que não mais faria sabatina, cumpriu a promessa. No fim do ano, requereu exame vago, que atraiu a assistência de toda a Escola, inclusive do próprio Diretor. A prova fora excepcionalmente brilhante, mas a banca não gostou da atitude agressiva assumida por Rondon, deixando de lhe conferir a nota 10, que merecia. O Diretor chamou-o depois ao seu Gabinete e mostrou-lhe, com bondade, o quanto a disciplina era indispensável à vida militar. Como sempre, nessas ocasiões, a reação eram as lágrimas.

O constante e admirável esforço que Rondon despendeu, no começo da sua carreira, e as vitórias a que se acostumou, acabaram por conferir-lhe ilimitada confiança nas suas possibilidades.

Depois de participar da Comissão de Linhas Telegráficas, de Cuiabá ao Araguaia, chefiada por Gomes Carneiro, recebera nova e importante missão. Cuidava o Governo Federal de estabelecer uma linha telegráfica estratégica entre Cuiabá e Corumbá, com ramificação para Aquidauana e Forte de Coimbra. Era uma ligação difícil, através de extensos pantanais, cuja só travessia já era penosa, transformando os trabalhos de posteamento e outros necessários numa tarefa quase sobre-humana. Uma tentativa anterior para essa ligação, no tempo em que Deodoro esteve em Mato Grosso, fora frustrada. Mais tarde, outros projetos semelhantes foram considerados inexecutáveis para a Engenharia da época. Apesar de todas essas dificuldades e malogros, Rondon aceitou a incumbência sem tergiversar. Ainda mais, conforme fazia com todas as suas realizações, marcara, com grande antecedência, a data para seu término a 1º de janeiro de 1904, e, quando alguém lhe ponderava ser impossível cumprir esse programa, respondia simplesmente:

- A data já está prevista, e agora o que nos cabe é fazer o possível para executar o nosso encargo.

Ocorreu que, no dia da inauguração teve notícia de que a esposa se achava muito doente em Aquidauana. Pronunciou breve discurso e saiu a cavalo, varando os pantanais então muito cheios, seguido de dois boróros amigos. Os corumbaenses, vendo sair o chefe, antes de terminada a solenidade, conjecturaram que a linha não se concluiria e que ele fora completar os trabalhos. Renderam-se porém, à evidência do fato consumado, quando puderam falar com Aquidauana logo depois.

Essa Comissão consumiu seis anos de trabalho ingente, perfazendo 1764 km de linha, servindo 17 estações, incluindo construções de casas e outras instalações.

Voltando ao Rio, soube que o Presidente Afonso Pena lhe reserva outro fabuloso projeto, que seria uma das maiores façanhas de penetração interior de todos os tempos. Tratava-se de estender as linhas telegráficas de Mato Grosso até o Amazonas, a fim de que se consolidasse a incorporação ao Brasil dos Territórios do Acre, Purus e Juruá.

Chamado ao Catete, expôs-lhe Afonso Pena seu plano e perguntou-lhe:

- Acha o senhor exequível semelhante projeto, naquela região despovoada, e sem recursos próprios?

- É só querer - respondeu Rondon, frase que se tornou verdadeiro refrão em Mato Grosso.

- Pois eu quero, concluiu o Presidente, e confio-lhe a execução deste trabalho.

Assentaram-se as bases da expedição, que visaria à exploração científica do território e ao mesmo tempo à sua incorporação ao mundo civilizado. A nova comissão se encarregaria não só da construção das linhas, mas também de todos os trabalhos relativos ao conhecimento da região, sob os aspectos geográficos, botânicos e mineralógicos. Rondon sempre adotou este ponto de vista, tanto que, ao ser convidado, mais tarde, para acompanhar o Presidente Roosevelt, salientou que o fazia certo de que não era o caso de mera excursão esportiva, mais ou menos perigosa, mas *“que o governo ligaria aos intuitos de uma travessia pelo sertão objetivos científicos de utilidades para nossa pátria”*.

Essa preocupação em moldurar sua feição científica e cultural fez com que Rondon se transformasse num dos maiores incentivadores das Ciências Naturais no Brasil. A este respeito, segundo a opinião de Artur Neiva, seu nome vem logo após ao de Oswaldo Cruz. Nenhuma outra expedição científica concorreu, como as suas, para o desenvolvimento da História Natural entre nós, e nenhuma outra exaltou mais no estrangeiro o nome de nossa pátria. E Roquete Pinto informa que a contribuição de Rondon para o Museu Nacional foi equivalente à que essa instituição adquiria em um século de sua existência. Desde o início das suas penetrações pelo interior, Rondon passou a levar equipamentos para determinar coordenadas e colher dados geológicos, antropológicos e etnográficos. Fez estudos orográficos, levantamentos de cabeceiras de rios, e por toda a parte ia atribuindo nomes aos acidentes geográficos que descobria, acumulando, enfim, material para o futuro mapa construído por

um grupo de trabalho, dirigido pelo General Francisco Jaguaribe Gomes de Matos. A expedição à Amazônia trazia tais empecilhos e exigia esforços tamanhos, que dificilmente se lhe poderia augurar êxito feliz. Eram distâncias imensas, desconhecidas, vagamente mencionadas nos mapas, transportes precários, eram as doenças, alimentação escassa, eram os índios atacando os expedicionários. Era um trabalho diuturno, incessante, inapelável, de meses, anos a fio, durante os quais se transportavam materiais, se faziam os postes, se estiravam as linhas, se inauguravam as estações. E o chefe sempre solícito, bem-humorado, prevendo tudo, animando os companheiros, presidindo e distribuindo ele próprio as refeições. À noite, escrevia cartas à esposa, numa comunicação espiritual que manteve nesse longo interregno de ausência.

Esta empresa gigantesca não se teria certamente concluído, não fosse a capacidade de comando, a fibra, a tenacidade, a resistência física de Rondon. Para comprová-lo, basta lembrar alguns dos muitos episódios que marcaram sua passagem pela nossa hinterlândia e fez dele uma figura de lenda.

Certa vez precisava Rondon atravessar o caudaloso rio Papagaio, afluente do Juruena. Conduzia ele reduzida comissão de reconhecimento desse rio, envolvido até essa época em denso mistério. Os excursionistas regressavam exaustos, após uma viagem de mais de dois meses, com as provisões quase esgotadas. Ao chegarem ao rio, não encontraram a canoa que ali haviam deixado: soltaram-na os Nhambiquaras, então bravios, e que, dias antes, os tinham atacado. Era evidente que os índios voltariam para nova investida e a expedição seria, sem dúvida, aniquilada, em face da barreira que se lhes opunha. Os soldados, já sem esperança, arriaram as mochilas, estirando-se pela margem do rio. Compreendendo a gravidade da situação, Rondon improvisou uma "pelota" com um couro de boi, colocou-a n'água, e, segurando-a com os dentes, atravessou o rio a nado, várias vezes. Em cada viagem, ia levando o material e depois os companheiros, dois a dois. É certo que ele, como os demais, estava cansado, enfraquecido pela longa viagem, e, no entanto, nadou durante seis horas consecutivas, arrastando a improvisada embarcação. Nesse lance me-

morável, Rondon recordaria, naturalmente, sua infância, quando, em manhãs de férias, se exercitava no rio Cuiabá, em longas braçadas.

Um dos companheiros de Rondon, testemunha dos seus feitos e seu futuro biógrafo, o Cel Amílcar Botelho de Magalhães, resumiu a envergadura do seu antigo chefe neste lema: “*Vencer, mesmo o impossível*”.

Conta ainda o Coronel Amílcar que, todas as vezes que cumpria escalar montes e grutas, ou varar cachoeiras, Rondon timbrava em se mostrar nos picos mais elevados e nos pontos mais perigosos. E sempre corretamente fardado, de barba feita, como se estivesse a passear pelas avenidas.

Nada repugnava tanto a Rondon do que o tratamento especial em relação à sua pessoa. Ao contrário, a haver privilégios, que recaíssem antes nos seus comandados. Tornou-se famoso o estribilho que ele criou nos acampamentos: “*Preparem aí o rancho para as praças... e um chá para o Estado-Maior*”.

Refere o Coronel Clementino Fernandes Guimarães que, quando comandante do Forte de Coimbra, foi visitar a comissão construtora do ramal telegráfico para aquela povoação, encontrou Rondon fazendo a refeição (*que constava unicamente de paçoca*), em pé e com água pela cintura. Era assim que o contingente estava trabalhando há dias e o chefe não poderia fugir à regra.

A esse respeito, Ivan Lins transmite o depoimento de Miguel Calmon, Ministro da Justiça, por cuja pasta corriam os trabalhos preparatórios de Rondon para a penetração nos sertões do Norte, povoados pelos Parecis e Nhambiquaras. A fama destes silvícolas, como guerreiros e até antropófagos, fez com que todos temessem pela sorte dos expedicionários. E a esposa de Rondon, participando desses receios, solicitou ao Ministro que providenciasse uma cota de malha para que ele a usasse durante sua permanência entre os índios. Rondon concordou, desde que, porém, seus auxiliares, oficiais e soldados, obtivessem igual proteção. Como não houvesse recursos, no orçamento da expedição, para tanta despesa, Rondon recusou a cota de malha que lhe era destinada.

Outra vez, em penosa marcha, estando doente, com 41° de febre, solicitou-lhe o Dr. Joaquim Tanajura, médico da expedição, que retornasse, com seus homens, muitos dos quais também se achavam enfermos e cansados. Rondon respondeu que todos os doentes que não estivessem em condições de prosseguir, que regressassem, mas o chefe era o único que não poderia voltar atrás: ele continuaria, ainda que tivesse que ficar sozinho.

O Dr. Tanajura mandou então arrear um boi manso, único animal de montaria existente, e ofereceu-o a Rondon, ou melhor, intimou-o a que aceitasse, para evitar maior gravame ao seu estado de saúde, o que poderia até acarretar o malogro da expedição.

Cedendo às instâncias do médico e de toda a oficialidade, Rondon marchou uns 500 metros encarapitado no dorso do pacato animal. Mas todos perceberam que ele se sentia diminuído, vendo quebrada aquela invencibilidade de que já dera tantas provas, como sertanista indomável. De repente, num salto vigoroso, desmontou-se, entregou ao seu ordenança a alimária e prosseguiu a pé, por toda a viagem, que durou seis meses. Dir-se-iam inesgotáveis as suas reservas físicas.

As qualidades pessoais de Rondon, aliadas à sua preocupação em não sobressair, em manter um clima de cordialidade, de camaradagem, em relação aos demais companheiros, granjearam-lhe um prestígio que muito concorreu para o extraordinário sucesso dos seus empreendimentos. Era um condutor nato, um homem cuja liderança ninguém discutia. Conseguiu reunir um grupo de auxiliares dos mais homogêneos e brilhantes. Em várias oportunidades, ressaltou Rondon a influência desses homens no êxito alcançado pelas suas missões; dizia sempre que, sem eles, não poderia ter concluído sua obra civilizadora.

Nesse ponto, é também significativo o depoimento de Theodoro Roosevelt, que em diversas passagens do seu citado livro deixou registrada sua admiração pela coragem, audácia e competência dos brasileiros que compunham a expedição. Depois de se referir, por exemplo, ao transporte

por terra das cargas e das canoas, que foram arrastadas, para contornar uma cachoeira intransponível do rio da Dúvida, assim se expressou Roosevelt:

“Considerando o modo como foi realizado o trabalho, a boa vontade, a resistência e força de touros dos camaradas, e a inteligência e esforço incansáveis de seus chefes - só nos admirava a ignorância dos que não sabemos o quanto de energia e eficiência possuem os homens dos trópicos, ou neles podem ser prontamente desenvolvidos”.

Mencionando alguns dos oficiais, como Amílcar de Magalhães, João Lira, Joaquim de Melo Filho, o geólogo Eusébio de Oliveira, ressaltava o estadista americano a cultura, a distinção. Cenas das mais singulares descreve Roosevelt nos acampamentos, à noite, em plena selva: Rondon lia o Catecismo Positivista ou alguma obra clássica sobre Astronomia; João Lira divertia-se com Goethe ou Schiller, no original; Roosevelt lia Gibbon e Kermit, seu filho, *“Os Lusíadas”*.

Na arte de comandar, Rondon utilizava-se de uma energia temperada de bondade e modéstia. Superior aos subordinados em todos os sentidos, era-o também em não alardear sua superioridade. Deste modo, sua liderança provinha não do alto para baixo, por imposição do cargo, mas duma conquista lenta, constante, da amizade e dedicação dos companheiros. Sabia estimá-los e obter deles o máximo rendimento no trabalho: solícito e magnânimo, estava sempre pronto a ajudá-los, nas suas dificuldades e reveses. Não alimentava rancores, pois tinha em mente aquele pensamento de Napoleão, que citava certa vez, ao retirar-se do serviço público: *“Saibam que um homem jamais odeia; sua cólera e seu mau humor não vão além do minuto presente: é a faísca elétrica...”*.

De uma feita, como alguém lhe observasse que o destinatário de um telegrama não merecia as referências lisonjeiras que lhe artibuía, respondeu Rondon: *“É por isso mesmo que faço estes elogios, esperando que ele se entusiasme e esforce para se elevar à altura em que o coloco”*.

Vê-se, pois, que muitos anos antes de Dale Carnegie, já sabia Rondon como fazer amigos e influenciar pessoas...

O seu poder de persuasão manifestava-se, às vezes, nos lances mais imprevistos. Certa ocasião, um soldado declarou-se vencido, recusando-se a seguir a penosa viagem e prostando-se exausto dentro da mata, Rondon foi procurá-lo e exortou-o, com paciência, procurando convencê-lo de que todos estavam também cansados, mas nem por isso deixariam de prosseguir na excursão e, se ele criasse um pouco de coragem, poderia continuar a marcha. A todos os argumentos o pobre homem retrucava apenas que o deixassem em paz, que ele queria morrer, ali, sossegado.

- Está bem, disse Rondon, pegando, num gesto rápido, a arma e a mochila do soldado. Vou levar os seus apetrechos, e, com o auxílio desse seu camarada, vou carregá-lo até o acampamento.

A estas palavras, o rapaz ergueu-se eletrizado, e, retomando sua carga, disse que ia fazer um esforço para caminhar. Andou até o acampamento e continuou a marchar até o fim da expedição.

Um outro caso que recolhemos da tradição oral, em Mato Grosso, revela o quanto Rondon conhecia a natureza humana. Nove dos seus homens procuravam levantar um poste algo pesado e não o conseguiam. Rondon que os observa, disse:

- É muita gente; uns atrapalham os outros. Saiam Joaquim e Manoel. Os dois indicados se afastaram. Os demais fizeram nova tentativa, sem resultado.

- Ainda está muita gente; saia você, José.

Os seis restantes se entreolharam, como a dizerem: "*vamos acabar com isso, antes que o chefe tire mais alguém*". E levantaram o poste.

Outras vezes, quando necessário, Rondon usava de energia, como na emergência em que, na cidade de Mato Grosso, soubera que os seus soldados, em descanso, se embriagaram e estavam praticando as maiores desordens numa taberna. Revogou então a ordem de descanso e mandou que os oficiais reunissem as praças e regressassem todos para Cáceres, como esta previsto. Daí a pouco, vieram informar-lhe que as praças não queriam obedecer às ordens dos superiores.

Convém notar que aqueles soldados eram elementos da pior espécie, não havendo muito o que escolher dentre os que se dispunham a aventurar-se pelos sertões. Assim, naquele instante, Rondon compreendeu que não era fácil conter os amotinados, alguns dos quais sabia serem de má índole. Mandou selar seu cavalo e saiu, em pessoa, para fazer cumprir suas ordens. Ao chegar perto do botequim onde maior era a algazarra, muitos dos soldados, vendo a disposição do chefe, saíram sorrateiramente. Outros, porém, o esperavam, em atitude de displicência ou desafio. Rondon espicçou a alimária e investiu contra o grupo numa verdadeira carga de cavalaria, atravessando a vendinha, de ponta a ponta, e levando os soldados, aos trancos. Afinal, espavoridos, correram todos a apresentar-se ao acampamento, sendo que os últimos fugitivos chegaram com a notícia de que o “*seu Major havia mandado quebrar todos os garrafões de pinga que existiam nas vendas*”.

Raros eram, no entanto, esses momentos em que necessitava empregar a força, para fazer respeitar suas decisões. Naturalmente, assim procedia impelido pelas circunstâncias, porque sua convicção filosófica e formação moral antes o conduziam à brandura e à indulgência.

Demonstração dessa tendência vêmo-la num episódio ocorrido na Comissão Roosevelt - Rondon e que põe em evidência os temperamentos dos dois chefes. Um dos funcionários da expedição, indivíduo perverso, assassinou covardemente o sargento despenseiro, fugindo a seguir. Roosevelt achava que se devia aplicar a lei da selva, isto é, prender o criminoso e matá-lo. Rondon se opunha, invocando a lei brasileira, que exigia, no caso, o processo e julgamento pelos meios regulares. Prevaleceu a tese de Rondon mas o homicida não foi encontrado. Logo depois, porém, ressurgiu nas imediações, tornando-se claro que ele não ousava arrostar, sozinho, os perigos da floresta. Fez-se então novo conselho entre os dois chefes e a divergência aqui foi bem mais séria. Roosevelt sustentava que o criminoso não deveria voltar ao seio da expedição, onde iria criar problemas de segurança, além de que não seria justo viesse participar das rações alimentares já escassas. Rondon ponderava que era do seu dever

capturar o delinqüente e entregá-lo mais tarde à Justiça. Roosevelt exaltou-se e só a muito custo aceitou os argumentos de Rondon, mas já então o fugitivo não pôde ser preso. Assim, no decorrer de todo o incidente, descobriu-se a atitude temperamental de Roosevelt, em contraste com o sentimento de legalidade e humanidade de Rondon.

Outra característica também relevante na personalidade de Rondon foi seu despreendimento. Numa época de extremado senso utilitário, primava pelo desapego às coisas materiais e às aparências do mundo. Jamais a cobiça penetrou naquela alma, jamais os vícios a corromperam. Assim como rejeitara, no início da carreira, rendoso contrato de medição de terras, porque já se tinha comprometido a acompanhar a expedição de Gomes de Castro, também mais tarde, recusaria a presidência do seu Estado e outros postos importantes. Assim procedia, em parte, por amor aos princípios positivistas, mas também por temperamento, que era de seu natural afeito à renúncia à desambição.

Certa vez, num desses tributos que se pagam à liberdade de imprensa, o "*Jornal do Comércio*" deu guarida a uma campanha de três jovens oficiais contra os trabalhos da Comissão Rondon. Vozes se levantaram em repulsa aqueles injustos e o próprio Rondon saiu a campo para mostrar o que vinha fazendo quase em silêncio, o que já realizara, nesses anos de esforço e sacrifício. A opinião pública, estarrecida, tomou conhecimento daqueles fatos e, pela primeira vez, surgiu na consciência coletiva o valor da obra rondoniana. Da polêmica resultou outra consequência que revela nitidamente a faceta que estamos analisando quanto ao caráter de Rondon. Como os acusadores arguissem contra os membros da Comissão o reconhecimento de diárias, Rondon passou a recusá-las, no que foi acompanhado pelo seu dileto ajudante, Capitão Nicolau Bueno Horta Barbosa.

Tratava-se, como vemos, de questão mesquinha, pois as diárias constituem direito do serviço que se afasta em serviço, da sede das suas funções e por isso mesmo se sujeita despesas extraordinárias. Mas Rondon de farda, pressupondo lícito receber diárias, num conceito estrito de

ética, e assim ensinavam pessoas tão qualificadas, renunciemos a elas, fiquemos com os simples vencimentos. Se os boróros vivem sem gratificações, seu pagmejera bem poderá dispensá-las (*os boróros chama ao seu cacique Chemejeras, mas Rondon era Pagmejera - o grande chefe*).

Alguns anos depois, vários Deputados Federais pretenderam regularizar essa situação absurda concedendo um prêmio a Rondon e a Horta Barbosa, como ressarcimento dos prejuízos que tiveram com as diárias não recebidas. Entretanto ao saberem disso, ambos escrevem à Câmara, solicitando o arquivamento do projeto em tramitação, o que foi feito.

Ainda sob esse aspecto quando estive em Letícia, como delegado brasileiro, deixou de pleitear a gratificação a que fazia jus, no exterior. As gratificações subiram a mais de um milhão de cruzeiros, quantia vultosa para a época, que só requereu mais tarde, a instância de amigos e depois de consultar sobre a legalidade do pagamento ao Ministro da Guerra, o General Eurico Gaspar Dutra. Assim mesmo, nada reservou para si desse dinheiro, distribuindo-o integralmente aos filhos e netos.

A respeito de sua atuação em Letícia, recordaremos que ela é cheia de ensinamentos, como tudo o mais na vida de Rondon. O Ministro Melo Franco enviara a Getúlio Vargas uma lista com diversos nomes que considerava dignos de representar a dirimir o conflito entre o Peru e a Colômbia. Nessa lista estava Rondon e Getúlio escolheu-o. Chamado a Palácio, declinou o convite, contestando delicadamente as ponderações do Presidente.

Alegava que pretendia encerrar sua carreira, pois supunha já ter cumprido seu dever como soldado e como cidadão; além disso, não se sentia capacitado para as funções diplomáticas: era amigo de Washington Luiz e não queria merecer a pecha de adesista.

Afinal, Getúlio, grande conhecedor dos homens: disse suavemente:

- General, trata-se de servir à Pátria. Não a mim nem ao Governo. A Pátria exige que o Senhor aceite.

Ante essas palavras, Rondon levantou-se pondo em posição de sentido, e respondeu:

- Trata-se de uma ordem do presidente da República, em nome dos interesses da Pátria, e vou cumpri-la com o zelo, a devoção que em mim couberem. Queira V. Excia. designar a data da minha partida.

Na execução da nova tarefa, Rondon, como sempre, mostrou-se Insuperável.

Assistira a todos os trabalhos da Comissão verificava pessoalmente os aparelhos de medicação, de tal modo que conquistou logo a confiança dos demais delegados, que apoiavam seus pareceres judiciosos e calcados na verdade dos fatos. Em Letícia, não eram boas as condições de salubridade, o que obrigava os delegados a se ausentarem constantemente por motivo de doença: o do Peru foi substituído duas vezes e o da Colômbia, cinco vezes. Rondon permaneceu, porém, todo o tempo na região, fiel ao programa de seriedade que imprimia a aguardou a todos os atos. Adquirindo glaucoma, aguardou o regresso ao Rio, para o tratamento. Mas já era tarde - e a cegueira que lhe sobreveio, mergulhando-o nas escuridão, durante os últimos 20 anos de sua existência, foi mais um holocausto à Pátria, que Getúlio Vargas invocara, ao conferir-lhe a missão.

Falemos afinal algo sobre os índios, a obra social máxima de Rondon, a que lhe daria maior glória e seria sua própria razão de ser. Foi o índio ou mais exatamente seu amor à humanidade que o impeliu às suas realizações de maior envergadura.

“O meu incentivo, escreveu ele, era acima de tudo, o amor infinito ao homem. Não existissem aquelas populações desprotegidas, muito pior do que isso, perseguidas, flageladas - e creio que não teria entregue de corpo e alma, à ingente luta para vencer o cansaço de longuíssimas viagens a pé, a cavalo, em canoa, debaixo de aguaceiros diluvianos, causticado pela ardente e impiedosa canícula, mal alimentado e, às vezes sem alimento, com sede, tremendo

de frio e de febre, a palmilhar léguas, carregando minha bagagem, dormindo mal, ao relento e às intempéries. E, pior do que tudo isso, sofrendo a ausência do lar, do convívio da família nobre Esposa adorada, dos meus filhinhos..."

Vítimas de uma legislação vacilante e capciosa, foram os indígenas submetidos a uma escravidão intermitente, que tem perdurado, com maior ou menor intensidade, até nossos dias. Tiveram defensores como os jesuítas, como José Bonifácio, mas nenhum como Rondon, que se dedicou inteiramente à sua causa, sem outro interesse que não fosse o de servi-los, sem outro objetivo que não o altruísmo límpido e puro.

Anteriormente, nas suas excursões conquistara Rondon a amizade dos índios, dentro daquele famoso lema: "*Morrer, se for necessário; matar nunca*". É que compreendera, desde o início, não haver desdouro para um chefe militar na retirada ante o ataque de selvagens, que além do mais, supunha tratar-se de invasores de suas terras. Nessas ocasiões, ao evitar o combate, deixava Rondon alguns presentes espalhados pelo chão, para que os índios se convencessem que não era um inimigo, mas aliado que desejava aproximação. Em pouco tempo, sua fama correu pelas florestas, e pode ir pacificando as diversas tribos, que precisavam agora de um outro trabalho, o de integração à comunidade nacional.

Surgiu assim o "*Serviço de Proteção aos Índios*" sob a influência e orientação de Rondon. No cumprimento do programa deste órgão, foi afastada a idéia de catequese, isto é, de ingerência, que a Rondon sempre se afigurou indébita, nos costumes e crenças dos selvícolas. Parecia-lhe inócuo ministrar aos pobres selvagens prédicas filosóficas ou de caráter religioso, que eles não entendem nem assimilam. A assistência aos índios deveria limitar-se a prover às suas necessidades, abrandar seus hábitos, procurando eliminar as guerras entre as nações e principalmente defendê-los contra as violências e extorsões dos civilizados.

Na direção desse Serviço e já agora instituído como representante oficial dos índios, Rondon foi incansável. Onde houvesse notícia de algum abuso contra seus pupilos, lá estaria ele para ampará-los. Arrancava seus

protegidos das mãos dos seringueiros ou de quem quer que os tentasse escravizar, prática tão comum nos sertões. Em Belém, retirou de bordo de um navio um menor selvagem que ia sendo levado por um francês e devolveu-o à tribo, assistindo ao comovente encontro com seus desolados pais.

Ao trazer os índios à civilização, Rondon procurava dar-lhes trabalho condizente com suas aptidões: fazia deles guarda-fios, tropeiros e até telegrafistas, para os mais hábeis e inteligentes. Muitos dos índios acompanhavam também suas expedições desempenhando diversas ocupações, como auxiliares prestimosos.

Assim, com esse paciente trabalho de integração, nessa faina persistente, de anos e anos consecutivos, merece Rondon o título de o maior, senão o único amigo e defensor dos índios.

Atravessamos uma época em que se tornaram comuns as investidas contra as bases fundamentais da nacionalidade.

Sob a égide das mudanças sociais, às vezes legítimas, mas onde se encobre também a subversão, procura-se destruir todos os valores, com o pretexto de revê-los. Verificamos, em toda parte, um movimento difuso, visando à diluição das forças morais vigentes na sociedade, ao enfraquecimento do caráter, ao derribamento solerte das tradições, ao desvirtuamento da arte, à navegação dos vultos eminentes do passado.

Em contraste com esse panorama terá sentido construtor toda e qualquer homenagem a vultos da estatura do Marechal Rondon. É sempre grato lembrar a mensagem de fé na perfectibilidade do homem, contida na sua obra. Foi ele, sem dúvida, a expressão mais eloqüente dos traços característicos do brasileiro que se revelam através da generosidade, do sentimento pacifista e do espírito de conciliação. Foram elementos positivos que ele cultivou em toda sua vida, transformando-a como vimos, num modelo inexcedível para seus concidadãos. Mas podemos erigi-lo como, exemplo do que deverá ser o brasileiro do futuro, aparadas as arestas, que são os aspectos negativos que se lhe apontam no caráter. Esses traços podem e devem ser evitados e Rondon mostrou, com o espelho de sua vida, que isso é possível.

Fala-se, por exemplo, na improvidência do brasileiro, que aliás, segundo alguns sociólogos, seria resíduo cultural indígena. Pois bem Rondon apesar da sua ascendência índia, cultivou sempre a virtude contrária da providência tanto que conforme anotamos todos os seus projetos tinham datas de antemão fixadas. Nada deixava ao acaso ou à improvisação: tudo era previsto e calculado, de acordo com um plano que recebia execução integral.

Também como herança cultural dos índios, sociólogos há que alinham, entre as características do brasileiro, o gosto da ostentação e do aparatoso. A estes atributos Rondon contrapunha a simplicidade e a modéstia, que exornaram sua personalidade, tornando-a cativante, conforme testemunham todos os que tiveram a ventura do seu convívio.

Outro traço negativo que se atribui ao brasileiro é falta de perseverança, que Rondon também desmentiu. Toda a sua vida foi um esforço continuado em busca do ideal que delineara na mocidade. Durante quase 50 anos, serviu ao seu País nas condições mais adversas, sem desfalecimento, compondo uma obra majestosa e perdurável.

Podíamos enumerar ainda a cultura ornamental, considerada atributo brasileiro, de natureza também negativa, que não vemos em Rondon. Nele, a cultura, com base científica e filosófica, tinha não só um objetivo de utilidade social, através da sua realização profissional, mas constituída-se ainda métodos de vida e de convivência humana. A sua, levava-o à consecução da felicidade, tomada a palavra no sentido grego, como um programa de restauração, sem a qual seriam inúteis todos os outros bens, inclusive as riquezas.

Como símbolo do que foi o brasileiro nas suas qualidades excelsas e do que deverá sê-lo no futuro, quando conseguir eliminar, pela educação, suas deficiências de caráter, Rondon também representa um símbolo do nosso próprio País, na construção da sua grandeza. Emergido da obscuridade de um lugarejo de Mato Grosso, sua figura extraordinária, pouco a pouco, até transpor as fronteiras e conquistar a admiração de outros

povos, como um novo apóstolo, soldado e pacificador, sertanista e diplomata, sábio e magnânimo - e tudo de maneira tão esplêndida como esperamos seja o brasileiro do futuro.

Em suma, a respeito de Rondon, só nos resta repetir Camões:

DITOSA A PÁTRIA QUE TAL FILHO TEVE.